



ESTAÇÃO CULTURAL MOSTEIRO ZEN MORRO DA VARGEM: FRAGMENTOS DA MEMÓRIA DA PRIMEIRA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA - LUIZ HERMANO (1996)

ZEN MORRO VARGEM MORRO CULTURAL STATION: FRAGMENTS FROM THE MEMORY OF THE FIRST ARTISTIC RESIDENCE - LUIZ HERMANO (1996)

Margarete Sacht Góes¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo rememorar a história de um espaço de residência artística localizado no Mosteiro Zen Budista no município de Ibirapu/ES. Dialoga com fontes documentais e com a memória afetiva de Luiz Hermano, o primeiro artista a fazer residência nesse local e com outros atores sociais envolvidos. Fundamenta a discussão, dialogando com autores como Le Goff (1996) e Bakhtin (2003), ao compreender os documentos como textos e enunciados, e busca em Mason (2001), Canton (2009) e Larrosa (2002) argumentos para discutir a residência artística como espaço de experiência, sensibilização e produção artística numa perspectiva contemporânea de se fazer Arte. Finaliza destacando a potência das residências artísticas no contexto capixaba ao abrir espaços para a produção artístico-cultural de artistas locais ou não.

PALAVRAS-CHAVE

Residência artística; Tempo; Memória; Experiência; Arte Contemporânea.

ABSTRACT

This article aims to recall the history of an artistic residence space located at the Zen Buddhist Monastery in the municipality of Ibirapu/ES. It dialogues with documental sources and with the affective memory of Luiz Hermano, the first artist to do residency in this place and with other social actors involved. He bases the discussion, dialoguing with authors such as Le Goff (1996) and Bakhtin (2003), understanding the documents as texts and statements, and seeks in Mason (2001), Canton (2009) and Larrosa (2002) arguments to discuss artistic residency as a space for experience, awareness and artistic production in a contemporary perspective of making art. He concludes by highlighting the power of artistic residencies in the Espírito Santo context by opening spaces for the artistic-cultural production of local artists or not.

KEYWORDS

Artistic residence; Time; Memory; Experience; Contemporary art.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Margarete Sacht Góes é Doutora em Educação, Mestre em Educação, Licenciada em Educação Artística e Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Arte na Educação infantil (GEPAEI) e realiza pesquisas sobre o ensino da Arte para esse segmento da Educação Básica, contribuindo para a formação inicial e continuada de professores. Contato: magsacht@gmail.com.



Este artigo é um fragmento do projeto de pesquisa Estação Cultural Mosteiro Zen Morro da Vargem: Histórias/Trajatórias da Arte Contemporânea no Espírito Santo (1995 - 2017), e tem por objetivo rememorar a história de um espaço de residência artística localizado no Mosteiro Zen Budista no município de Ibirajú, no Espírito Santo. Esse espaço residência, denominado “Estação Cultural”, acolheu artistas dos mais variados locais e linguagens durante as duas últimas décadas, contribuindo para a ampliação e consolidação dos aparelhos culturais e com a produção artística produzida no estado do Espírito Santo.

Buscamos, então, dialogar com fontes documentais e com a memória afetiva dos atores sociais envolvidos na sua concepção e criação, e principalmente com Luiz Hermano Façanha, o primeiro artista a fazer residência artística nesse local na década de 1995. Rememorando, por meio dos documentos e narrativas, como se constituiu a história da primeira residência artística na Estação Cultural.

A partir dos conceitos de experiências, tempo e memória, faremos uma interface com a produção desse artista, que buscou espaços não só para produzir, mas também para estar junto com outros artistas e em sintonia consigo e com o espaço ao entorno de forma dialógica. Compreendemos que esse germe engendra uma relação potente no campo da Arte, pois instiga a sensibilidade estética e estésica, ingredientes necessários para as produções poéticas contemporâneas e para a relação do artista com a vida.

Ressaltamos, nessa perspectiva, a contribuição dos Monges, ao estabelecerem um diálogo com artistas e professores da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, evidenciando a necessidade de expansão e valorização da história da Arte Contemporânea no Espírito Santo.

Nessa direção, fundamentamos a discussão a partir de uma perspectiva histórico-cultural, dialogando com diferentes autores, para refletirmos sobre a residência artística como espaço de experiência, sensibilização e produção de arte. Detalhando a experiência de residência artística do artista Luiz Hermano nesse *lócus* dedicado à Arte e à Cultura, em diálogo com a inteireza do humano e da natureza circundante.

FRAGMENTOS DA MEMÓRIA



Iniciamos fazendo uma digressão, rememorando detalhes afetivos - fragmentos de diferentes memórias - para podermos compreender como se constituiu esse espaço de residência artística, que nasce no coração de um mosteiro e se abre, territorialmente e afetivamente, para a sociedade.

O Mosteiro Zen Morro da Vargem é um lugar privilegiado, localizado na BR 101, Km 217, no município de Ibirajú, ao norte da cidade de Vitória-ES. Cercado de vegetação da Mata Atlântica e transpirando harmonia, contagia a todos que se aproximam, convocando-nos a uma reflexão interior e a uma integração com a natureza e com o mundo que nos cerca.

Nesse contexto privilegiado, os monges fizeram sua morada, e a partir de uma amizade iniciada entre eles, os membros da diretoria do Mosteiro e alguns artistas capixabas, germinou a possibilidade de, concretamente, construir-se um espaço de residência artística, ação pioneira na década de 1995 no Brasil.

De acordo com Tamara Ka, membra da diretoria e praticante do mosteiro,

[...] O Mosteiro tem como uma de suas pedras fundamentais, o cultivo de fazer tudo com muita atenção e, concentração, de forma em que todos se coloquem de forma integral na sua ação, gerando um mundo mais harmônico e esteticamente trabalhado. Optamos então pela área para artistas, pois pensamos que a distância com a estrada não favoreceria a criação de um orfanato. Já para os artistas, o isolamento, seria uma oportunidade (ENTREVISTA EM 03/04/2018).

Assim, o objetivo inicial da Estação Cultural era ser um espaço-residência para artistas de diferentes áreas vivenciarem experiências diversas e desenvolverem seus trabalhos, suas poéticas.

De acordo com o Mapeamento de Residências Artísticas no Brasil (2014, p. 58), as residências artísticas contribuem para “[...] estimular a qualificação de artistas, gestores e pesquisadores, fomentando a produção cultural no âmbito da criação, difusão, documentação e preservação da memória artística nacional”. Nesse contexto, o artista permanece na residência artística durante uma temporada para que ele desenvolva o trabalho e, ao final, uma mostra é aberta ao público. Entretanto, neste documento, a Estação Cultural não entra como uma porção representativa de espaço residência que compõe o



estado do Espírito Santo, o que nos leva mais uma vez a fomentar um processo de dar visibilidade a este espaço e a arte no contexto capixaba.

Para Rachel Mason (2001, p. 123), estudiosa sobre arte e multiculturalismo, experiências como as “Residências” retratam “[...] modelos de reforma curricular étnicos e de fusão”, pois caracterizam-se pelo envolvimento de professores e estudantes em cursos rápidos sobre as diferentes formas e linguagens artísticas, sempre contando com a presença de artistas que tenham um envolvimento cultural com as temáticas. A autora destaca ainda que existem diferentes possibilidades de se fazer residência, como por exemplo, a retirada do estudante da

[...] cultura escolar dominante focando sua atenção em artes não-europeias no contexto de galerias ou museus. Nesse modelo, os artistas em residência funcionam como intermediários entre as artes étnicas não-familiares em exposição e a produção artística das crianças e a reação delas (MASON, 2001, p.125).

Entretanto, no caso da Estação Cultural, a proposta está voltada para o próprio artista, ou seja, abre-se um espaço concreto para que ele resida em um ambiente de ateliê, de produção artística, interconectando vida cotidiana e arte e, assim, possa produzir arte a partir do que o afeta.

O espaço de residências artísticas torna-se, então, espaço de interlocução entre a Arte, a educação, os sujeitos e o mundo. Inicialmente, a Estação Cultural não objetivava fazer um diálogo com os espaços educativos. Buscavam, *a priori*, suscitar uma oportunidade para que artistas pudessem criar, compor seus trabalhos, independentemente da linguagem adotada.

Para além da memória, é preciso dar conta do resgate histórico-cultural da Estação Cultural, por isso, buscamos, como fundamentação teórica, os estudos de Bakhtin (2003), ao compreendermos os documentos como textos, como enunciados e, a partir de Le Goff (1996, p. 527) pensar que

[...] a leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas [...] A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos.



Nesse contexto de pesquisa e busca por informações em diferentes fontes, encontramos pouquíssimos materiais que pudessem subsidiar nossa pesquisa, por isso, iniciamos uma série de entrevistas com pessoas que participaram desse momento inicial da espaço-residência Estação Cultural, e assim, por meio das narrativas, dos enunciados, da memória afetiva desses sujeitos, fomos elaborando um itinerário e produzindo novos textos, pois de acordo com Bakhtin (2003, p. 308) “[...] só o texto pode ser o ponto de partida”.

Assim nos aproximamos dos textos/documentos, a partir dessas concepções teóricas e como *corpus* da nossa pesquisa, resgatamos documentos impressos, como fotografias, recortes de jornais, anotações, convites, bem como as narrativas obtidas por meio de relatos e diálogos com os sujeitos que sonharam a Estação Cultural.

Ao trazermos à tona a memória dos sujeitos desse processo, rememoramos e compartilhamos das experiências de um espaçotempo que se torna comum a todos. Assim o registro por escrito dessas experiências transforma a memória do grupo. Para Le Goff (1996) “[...]Tal como o passado não é a história mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1996, p. 183). Nesse contexto, as narrativas estão carregadas de memórias afetivas, de impressões que se entrelaçam e vão constituindo pistas, rastros e vestígios. Mas, também, de alguns apagamentos que se tornam impossíveis de captar.

Trazemos então para o diálogo a curadora e artista plástica Neusa Mendes. De acordo com suas narrativas (ENTREVISTA EM 20/03/2018), houve muitos momentos de encontros da Galeria Espaço Universitário – GAEU, da Universidade Federal do Espírito Santo com os propositores da Estação Cultural. As memórias afetivas de Neusa Mendes trazem em si um germe: os artistas da época buscavam espaços não só para produzir, mas também para estar junto com outros artistas, em sintonia consigo e com o espaço ao entorno, de forma dialógica. Esse germe engendra um tipo de relação que consideramos extremamente potente, pois instiga a sensibilidade estética e estésica, ingredientes necessários para as produções poéticas e para a relação do artista com a vida.

Nessa perspectiva, o artista Luiz Hermano foi convidado para estar nesse espaço pela ceramista e curadora Kimi Nii, que também fazia parte das ações do Mosteiro Zen Budista.



Luiz Hermano foi o primeiro artista a formalmente realizar a residência na Estação Cultural, pois era um nome importante da Arte contemporânea no Brasil. E dessa residência nasce a mostra de arte “Coração”, em 1996.

No Jornal A Gazeta, publicado em 08/02/1996, a jornalista Rose Frizzera traz à tona o movimento encetado há um ano pelo grupo de pessoas que estava à frente da Estação Cultural desde a exposição de Tomie Ohtake, que foi a artista convidada para fazer a inauguração da Estação, porém ela não fez residência lá. Frizzera destaca, a partir do título “Um espaço para as artes nas montanhas”, a vinda do artista Luiz Hermano Façanha (Figura 1).



Figura 1 - Luiz Hermano – Mostra Coração, 1996. Finos canos de cobre e fios e placas de alumínio, 1,50m.
Fonte: <http://luizhermano.com.br/1996-individual-mosteiro-zen-budista-morro-da-vargem-e-ufes-vitoria-es/>

De acordo com o texto, o artista desembarcou em Vitória “carregado de material e muita inspiração”.

A última exposição de Luiz Hermano havia sido em novembro de 1995, na Galeria de Arte Contemporânea Joel Edelstein– RJ. Foi intitulada “Memória” e, de acordo com o artista, na exposição que seria montada no mosteiro, ele pretendia estabelecer uma relação entre os trabalhos:



[...] Se em Memória Hermano construiu um cérebro em molas amarradas, e transitou por obras como Cúbico, Aura, Feijão ou Favo de Som, nesta ele elimina os nomes. "O único objeto já batizado é o coração — peça de aproximadamente 1,50m, em finos canos de cobre e fios e placas de alumínio", diz Hermano (JORNAL A GAZETA, 08/02/1996).

A reportagem ressalta que, na mostra, Hermano eliminaria os nomes das obras, mantendo unicamente o nome de uma obra "Coração". Segundo a reportagem, "[...] a arte produzida por Hermano não chega a ser conceitual, mas leva a este tipo de leitura", ou seja, ele busca alternativas para seu trabalho, criando esculturas para fugir da pintura. Nesse sentido, produz a partir da topografia local e das imagens que o afetaram e das quais ele foi se apropriando a partir da residência artística.

[...] "Foi a imagem que ficou na minha cabeça", diz Hermano, ao reconhecer que muitas vezes tem que destruir para reconstruir uma nova possibilidade em seus trabalhos. Uma outra peça é uma "malha" que se suporta em uma trama de fitas de cobre, que segundo o artista lembra a asa de uma libélula." Ele se adianta em não direcionar sua obra, e arremata dizendo que pode ser também qualquer outra coisa. "Depende da interpretação de cada um" Topografia das montanhas, asas de libélulas, cachoeiras: elementos vinculados diretamente à natureza, regidos por um coração. "Tem a ver com este lugar. Acordo com o sol invadindo, já ponho o arroz integral no fogo e começo a trabalhar" diz Hermano (JORNAL A GAZETA, 08/02/1996).

Toda produção de Luiz Hermano foi exposta primeiramente na Estação Cultural por alguns convidados no dia 16/03/1996 (Figuras 2 e 3).



Figura 2 - Hilal Sami Hilal, Ricardo Ferraço e Ronaldo Barbosa – Mostra Coração, Luiz Hermano, Estação Cultural, 1996. Fonte: Monge Daiju.



Figura 3 - Monge Daiju – Mostra Coração, Luiz Hermano, Estação Cultural, 1996. Fonte: Monge Daiju.

Após abertura na Estação Cultural, os trabalhos foram expostos na Galeria Espaço Universitário – GAEU, permanecendo de 19/03 a 13/04/1996, conforme podemos verificar no convite (Figura 4). O convite foi enviado por Luiz Hermano durante uma entrevista realizada no dia 05/02/2018.

Podemos notar que no convite constam duas ações que iriam ocorrer. A primeira aconteceria no dia 14/03/1996, às nove horas, no Teatro Metrópolis da Ufes: um encontro com Luiz Hermano e Kátia Canton. A outra, seria a própria exposição de Luiz Hermano.

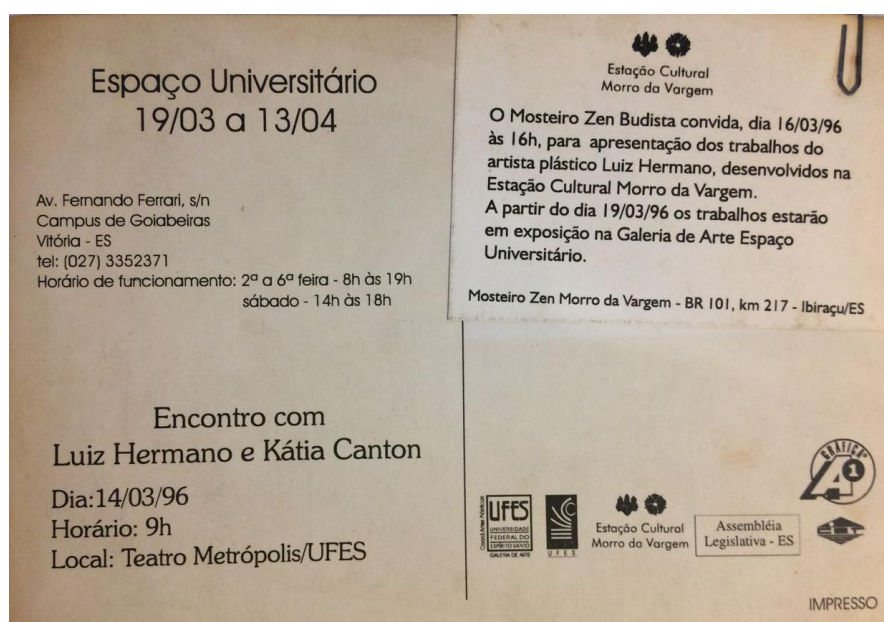


Figura 4 - Convite Encontro com Luiz Hermano e Katia Canton e Convite Exposição Luiz Hermano na Galeria Espaço Universitário - GAEU, 1996. Fonte: Luiz Hermano.



Evocando suas memórias e objetos, Luiz Hermano encontrou e nos enviou um recorte de jornal que inicialmente, não conseguimos identificar onde e quando foi publicado. Entretanto, após pesquisa na internet, descobrimos que foi publicado por Ademir Assunção, no jornal O Estado de S. Paulo, em 19/03/1996, por ocasião da exposição no Mosteiro Zen Morro da Vargem. Nessa reportagem, Assunção descreve que o artista fez residência em 1996, após um ano da vinda de Tomie Ohtake, e que a Estação Cultural foi o primeiro espaço a propor um misto de ateliê, escritório e galeria de arte, onde a possibilidade é de integração do artista com a topografia da região, ou seja, a criação é feita, literalmente, ao “sabor do vento”.

Essa liberdade e interação do artista com o espaço da Estação Cultural compõe o enunciado de Luiz Hermano quando ele diz que:

[...] Não tinha a intenção de sair dali com uma exposição acabada; no máximo, algumas peças e esboços, mas parece que se vive um outro tempo no alto da montanha. Os dias são longos e o trabalho acabou rendendo mais do que eu esperava (LUIZ HERMANO, 19/03/1996).

No dia 18/03/1996, um dia antes da abertura da exposição na Galeria de Arte Espaço Universitário - GAEU, novamente, Rose Frizzera publica no Jornal A Gazeta texto Sutileza Zen. Nele a jornalista descreve a Estação Cultural e o contexto que levou o artista plástico cearense radicado em São Paulo, Luiz Hermano, a fazer a residência artística: “[...] Uma construção espaçosa e simples permite aos artistas o contato direto com a natureza e o convívio com a rotina de um mosteiro”.

Ela destaca ainda que o resultado dessa experiência resultou em sete esculturas em bronze, cobre e alumínio:

[...] um emaranhado de fitas metálicas, fios e canos, trazem a sutileza zen que, entre uma forma e outra, lembra a topografia da região e alguns aspectos da vegetação. A principal obra é Coração — peça de 1,5 metro —, uma tentativa de ligação com a última individual de Hermano, Memória, quando desenvolveu um cérebro de um amarrado de molas (A GAZETA, 18/03/1996).

Somos, então, atravessados por várias vozes e memórias nesse momento, portanto, não poderíamos deixar de citar o jornalista Ademir Assunção, que além de divulgar o trabalho de Luiz Hermano e da Estação Cultural, ainda assina o catálogo (Figura 5) da exposição. Esse



escritor e jornalista, além de amigo do Monge Daiju, interessa-se pelas filosofias orientais e pelo Zen Budismo, associa a obra de Hermano a da Cigarra de Bashô — um dos grandes mestres da poesia japonesa.

[...] Assim como a cigarra, que canta até estourar-se por dentro, revelando a armadura da forma em sua casca oca, os trançados de Hermano revelam, ao mesmo tempo, a aspereza dos fios metálicos e o espaço que flutua em torno deles (A GAZETA, 18/03/1996).

Nesse catálogo, resgatamos nomes importantes que projetaram e conceberam essa exposição como Kimi Nii, HilalSamiHilal, Ronaldo Barbosa, Neusa Mendes e Joel Eldeinsten.

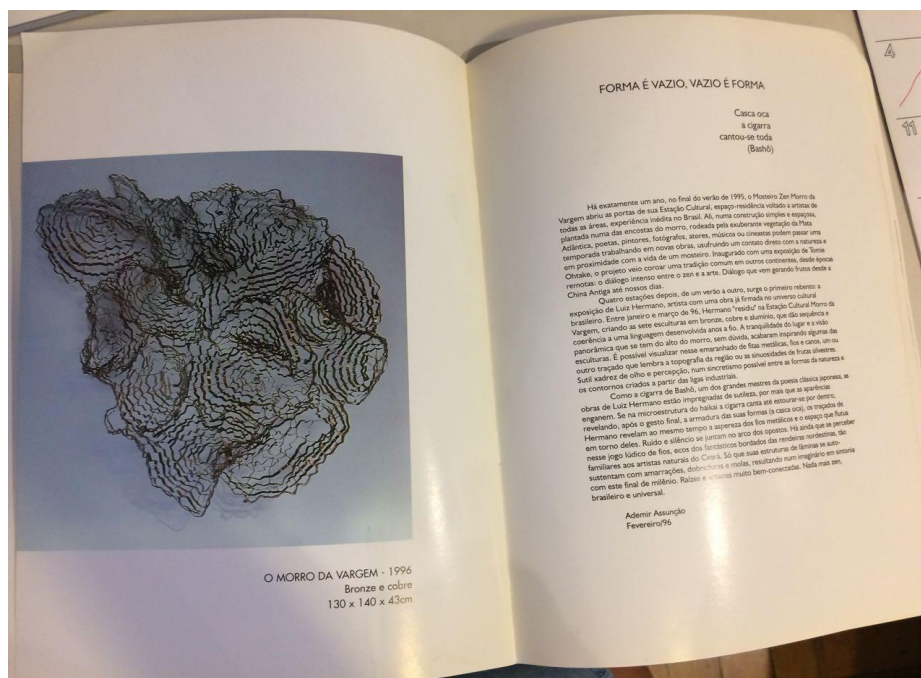


Figura 5 - Catálogo Morro da Vargem, Luiz Hermano, 1996. Fonte: Luiz Hermano.

As muitas obras, materializadas a partir da residência artística de Luiz Hermano, compõem um acervo de imagens afetivas na sua relação com a montanha, com os bichos, com os banhos de cachoeira, bem como o amanhecer e o entardecer, e que ficaram gravadas na memória do artista.

O tema da exposição de Luiz Hermano repercutiu também em outros estados, sendo destaque no Jornal Folha de São Paulo, em 19/03/1996, no qual Kátia Canton, que escreve para a Folha, cita que: “[...] O vernissage narra o resultado de uma experiência inédita no



Brasil: a relação de um espaço exclusivo dedicado a artistas em residência” (FOLHA DE SÃO PAULO, 19/03/1996, p. 4).

Em uma terceira matéria publicada no jornal o Estado de São Paulo, em 19/03/1996, Ademir Assunção descreve que a residência de Luiz Hermano na Estação Cultural Morro da Vargem é uma iniciativa pioneira no Brasil, o que nos leva a ressaltar a importância desse espaço no cenário da Arte Contemporânea no Espírito Santo. Entretanto, esta ainda não aparece como sendo uma das referências artístico-cultural capixaba.

Na entrevista realizada em 05/02/2018, o artista Luiz Hermano também rememora o tempo vivido e experienciado na estação Cultural Morro da Vargem:

[...] de 1995 pra 1996 fui convidado por uma das frequentadoras, Kimi Nii, para conhecer o mosteiro, voltei mais uma vez, a estação cultural já estava pronta. Era recente... Kimi me chamou e propôs que eu ficasse lá por um período criando, desenvolvendo um trabalho em cima da montanha para expor. Fui convidado para fazer a primeira residência, que resultou em uma exposição... (ENTREVISTA EM 05/02/2018).

Seus relatos guardam em si lembranças de um momento único, não somente em relação à estadia, que batizou carinhosamente de "casa de vidro", mas também em relação à sua produção artística e à rede de amigos que conquistou como Kimi Nii, Daiju, Hilal, Thais e Ronaldo Barbosa. Essas lembranças são evidenciadas na fala “[...] São amigos queridos, os quais tenho contato por redes sociais e levo no coração. O local me marcou para sempre, levo na minha história as noites estreladas”(ENTREVISTA EM 05/02/2018).

FINALIZANDO

As lembranças guardadas na memória de Luiz Hermano da Estação Cultural nos fazem dialogar com Canton (2009), quando ela nos instiga a pensar “como os artistas lidam com a questão da memória”. Para a autora

[...] Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidades e impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificultam trocas reais (CANTON, 2009, p. 21-22).



Esse lugar de resiliência encontra espaço no tempo da experiência. Para Larrosa (2002, p.22) o sujeito moderno é “eternamente insatisfeito” e “se tornou incapaz de silêncio”, [...] a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência”e completamos, inimigas da Arte.

O tempo lento e criativo de fruição, reflexão, contemplação e contato com a natureza, vivenciado por Luiz Hermano na Estação Cultural Mosteiro Zen Morro da Vargem na década de 1996, e que vem à tona em sua memória e em seus enunciados 22 anos depois, nos faz mergulhar “em um tempo de arte, isto é, um tempo sensível” (CANTON, 2009), um tempo da Arte como estesia, o tempo da experiência como algo que nos toca, que nos atravessa (LARROSA, 2002) e que nos toma por inteiro em nossa incompletude.

Referências

ASSUNÇÃO, Ademir. **Jornal O Estado de S. Paulo**, em 19/03/1996, São Paulo, SP. Disponível em: <<http://luizhermano.com.br/1996-individual-mosteiro-zen-budista-morro-da-vargem-e-ufes-vitoria-es/>>. Acesso em 24/08/2018, às 13h39.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovith. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FRIZZERA, Rose. **Jornal A Gazeta**, em 08/02/1996, Vitória, ES. Disponível em <<http://luizhermano.com.br/1996-individual-mosteiro-zen-budista-morro-da-vargem-e-ufes-vitoria-es/>> Acesso em 24/08/2018, às 13h39.

FRIZZERA, Rose. **Jornal A Gazeta**, em 18/03/1996, Vitória, ES. Disponível em: <<http://luizhermano.com.br/1996-individual-mosteiro-zen-budista-morro-da-vargem-e-ufes-vitoria-es/>> Acesso em 24/08/2018, às 13h39.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.p.20-28.

MASON, Rachel. **Por uma arte-educação multicultural**: uma visão pessoal. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

MOSTEIRO ZEN MORRO DA VARGEM. **Zenkojy/Templo da Luz do Zen**. Disponível em: <<http://www.mosteirozen.com.br/index.php/2014-07-09-19-11-47/estacao-cultural>> Acesso em 08 de dezembro de 2017, às 11h48min.

VASCONCELOS, Ana; BEZERRA, André (Org.). **Mapeamento de residências artísticas no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2014, 133 p.: il., color.; 21 cm.